

## **Resource: Notas de Estudo - Introduções aos Livros (Tyndale)**

### **Aquifer Open Study Notes (Book Intros)**

This work is an adaptation of Tyndale Open Study Notes © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Study Notes, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عربي), French (Français), Hindi (हिंदी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

## Notas de Estudo - Introduções aos Livros (Tyndale)

### EZK

#### Ezequiel

O livro do profeta Ezequiel contém visões, imagens e mensagens estranhas que parecem distantes da vida contemporânea. No entanto, sua mensagem permanece muito relevante: Deus purificará seu povo e viverá entre eles para sempre. Mesmo durante os dias mais sombrios, Deus insistiu que ele restauraria seu povo. Esta mensagem oferecia esperança ao povo exilado de Judá e fornece inspiração a todos os que colocam sua confiança nele.

#### Cenário

O livro de Ezequiel foi escrito da Babilônia durante os dias difíceis do exílio de Judá na Babilônia (605–538 a.C.). Os babilônios haviam capturado a capital Assíria de Nínive (612 a.C.), e o seu domínio foi completado com a derrota dos últimos Assírios que resistiram na batalha decisiva de Carquemis (605 a.C.). Naquele mesmo ano, os babilônios invadiram Judá e fizeram reféns das classes superiores e os levaram de volta para a Babilônia, incluindo Daniel e seus três amigos ([Dn 1.1–5](#)).

Em 601 a.C., o rei Joaquim de Judá se rebelou contra os babilônios, e ele morreu durante o cerco que se seguiu (598 a.C.). Seu filho, Joaquim II, reinou por apenas um breve período antes de se render e ser levado para a Babilônia em 597 a.C. Naquela época, os babilônios também levaram o profeta Ezequiel e outras pessoas proeminentes para o exílio e saquearam muitos tesouros do Templo em Jerusalém.

Enquanto Ezequiel estava na Babilônia, os babilônios colocaram o tio de Joaquim, Zedequias, no trono de Judá. Quando Zedequias se rebelou contra a Babilônia, os babilônios devastaram Judá e sitiaram Jerusalém em janeiro de 588 a.C. A cidade foi finalmente invadida e destruída em agosto de 586 a.C. Os babilônios forçaram Zedequias a assistir enquanto matavam seus filhos; então ele foi cegado e levado para a Babilônia com os outros cidadãos de Judá que tinham habilidades

úteis para seus senhores. Esses exilados permaneceram na Babilônia por uma geração até que as fortunas do império mudassem novamente (veja o livro de Esdras).

As primeiras visões de Ezequiel ocorreram na Babilônia em 593 a.C., quando ele tinha trinta anos ([Ez 1.1–2](#)).

#### Resumo

As visões de Ezequiel abrangem os anos que antecederam e seguem a destruição de Jerusalém em 586 a.C. Antes da queda de Jerusalém, Ezequiel proferiu a lamentável mensagem de que o julgamento viria sobre o povo de Judá. Após esse evento, Ezequiel transmitiu uma nova visão de esperança: Israel emergiria das cinzas de seu passado. Embora o profeta tenha lamentado o que havia sido perdido, ele viu um futuro brilhante, quando as pessoas se arrependessem dos pecados que trouxeram sua destruição e o Senhor estabeleceria a nação em santidade.

[Os capítulos 1–3](#) contam sobre o chamado e o comissionamento de Ezequiel como profeta. Sua visão de abertura fala da glória do Senhor, ameaçadoramente em movimento ([1.4–28](#)). Com imagens de movimento e julgamento, a visão retrata o Senhor como o guerreiro divino em sua carruagem celestial, vindo para julgar seu povo. Durante o chamado de Ezequiel ([2.1–3.15](#)), o Espírito lhe disse que o povo teimoso e rebelde de Judá não ouviria sua mensagem. No entanto, o Senhor queria que Ezequiel fosse igualmente teimoso em proferir fielmente sua mensagem. Como um vigia ([3.16–27](#)), ele deveria soar o alarme de forma clara e distinta. Deus responsabilizaria o profeta por proferir a mensagem, não pela resposta das pessoas.

Nos [capítulos 4–24](#), Ezequiel profere uma litanina de condenação contra Judá e Jerusalém. O profeta realiza uma série de atos de sinais que descrevem o cerco e a destruição de Jerusalém. [Os capítulos 8–11](#) descrevem os pecados de Jerusalém em quatro cenas de crescente abominação que ilustram claramente a razão para a destruição que está por

vir. A glória de Deus sai do santuário, e o Templo é completamente destruído. Os poemas, oráculos e visões ao longo desta seção estabelecem cumulativamente a inevitabilidade e justiça da destruição de Jerusalém, terminando com o anúncio do cerco de Nabucodonosor a Jerusalém e uma mensagem final da certeza do julgamento ([capítulo 24](#)).

Ezequiel então se volta para a esperança, começando com sete mensagens ([capítulos 25–32](#)) que acusam as nações vizinhas por terem ajudado os babilônios e por se deleitar com a queda de Jerusalém. Essas mensagens mostram que a promessa que Deus fez a Abraão permaneceu intacta: “Eu... amaldiçoarei aqueles que os amaldiçoam” ([Gn 12.3](#)). O julgamento de Deus viria sobre todos os que tiveram prazer na queda de seu povo e que lucraram com sua morte.

[Os capítulos 33–48](#) completam o movimento do julgamento para a esperança, começando com o momento decisivo em que os exilados finalmente ouvem as notícias da destruição de Jerusalém ([33.21](#)). Neste ponto, o Senhor novamente comissiona o profeta Ezequiel a ministrar como um vigia, proclamando julgamento sobre aqueles que se negam a se arrepender e prometendo vida para aqueles que o fazem. As mensagens de esperança prometem um novo pastor com uma aliança e uma terra renovadas, onde as pessoas habitarão juntas em unidade ([capítulos 34–37](#)). As nuvens negras da guerra ameaçam esta imagem de bênção ([capítulos 38–39](#)), mas o Senhor demonstra a certeza da nova situação. O Senhor reúne as forças de Gogue e seus aliados, não para julgar seu povo pacificamente estabelecido, mas para esmagar seus inimigos de uma vez por todas.

Depois que Deus derrota Gogue e seus aliados, ele pode revelar o Templo final e a terra redirecionada ([capítulos 40–48](#)). Com imagens arquitetônicas, rituais e geográficas, a visão final de Ezequiel retrata a mesma mensagem que o resto do livro: Deus elevará seu povo a um novo nível de santidade para que ele possa habitar novamente no meio deles. Aqueles que eram fiéis no passado recebem acesso renovado à presença de Deus, enquanto aqueles que eram menos fiéis permanecem às margens. Um rio de vida flui deste novo Templo; à medida que flui, cresce e transforma a morte em vida. As palavras finais de Deus para seu povo através de Ezequiel não advertem sobre abandono e destruição; em vez disso, elas prometem comunhão e vida.

## Autoria e Data

Nos versos de abertura do livro, o profeta Ezequiel afirma que ele é o autor ([1.3](#)), e há poucas razões para duvidar de sua afirmação. O livro mostra todos os interesses esperados de um sacerdote como Ezequiel, e o evento central da destruição de Jerusalém domina a estrutura do livro. O profeta provavelmente escreveu o livro durante o período em que suas visões e mensagens foram dadas (593–571 a.C.), com a composição concluída provavelmente datando logo após a mensagem final.

## Significado e mensagem

Antes de 586 a.C., tanto os exilados na Babilônia quanto as pessoas que restavam em Judá estavam convencidas de que Jerusalém não poderia ser destruída. Eles acreditavam que a presença do Templo e seus rituais prescritos garantiriam a sobrevivência da cidade. Ezequiel teve que dizer-lhes que eles estavam completamente errados. Porque o Templo e seus rituais eram corruptos e os corações e vidas das pessoas eram completamente pagãos, Jerusalém tinha que ser destruída.

Enquanto todos os profetas do Antigo Testamento condenavam o pecado e idolatria, talvez nenhum usou termos tão arrebatadores quanto Ezequiel. Do tempo de Israel no Egito em diante, a desobediência do povo de Deus infectou todos os ramos da sociedade e envolveu todas as formas de ofensa contra Deus. Deus não poderia ignorar ou tolerar tal pecado e certamente julgaria seu povo em breve. Nada poderia salvar a cidade de Deus ou seu povo de seu julgamento.

Após a destruição de Jerusalém, o povo de Deus estava em grave perigo de desilusão e desespero. Eles se sentiram espiritualmente mortos, abandonados por Deus e separados de sua presença. Eles disseram: “Os nossos pecados e maldades são um peso sobre nós. Estamos nos acabando! Como podemos sobreviver?” ([33.10](#)). As divindades babilônicas, que pareciam ter triunfado sobre o Senhor, cercavam o povo. Ninguém havia voltado do cativeiro para casa. Suas esperanças foram frustradas, e eles acreditavam que não tinham escolha a não ser se estabelecer na terra pagã da Babilônia e se tornar parte de sua cultura.

Para essas pessoas desiludidas, o profeta proferiu uma mensagem da soberania e glória de Deus, descrevendo Deus como majestoso, transcendente e poderoso. Os deuses babilônicos certamente não haviam derrotado o Senhor; em vez disso, Deus

havia abandonado voluntariamente sua terra e lugar de habitação por causa do pecado de seu povo. Embora ele tenha deixado a cidade contaminada de Jerusalém, este Deus glorioso não abandonou seu povo. Em vez disso, ele foi para o remanescente de seu povo no exílio ([11.16](#)), onde o próprio Ezequiel viu pela primeira vez a glória do Senhor ([1.1](#)). Deus ainda estava controlando todas as coisas, até mesmo as tentativas do rei babilônico Nabucodonosor de consultar seus próprios deuses através da adivinhação ([21.21-23](#); cp. [Dn 2-4](#)). O Senhor havia decretado a destruição de Jerusalém por seus pecados; Nabucodonosor estava simplesmente agindo como agente de Deus.

A destruição de Jerusalém não marcou o fim da história para o povo de Deus. Deus havia prometido abençoar os descendentes de Abraão, tornando-os em uma nação poderosa e abençoando todas as nações através deles. Os oráculos contra as nações que cercavam Judá ([Ez 25-32](#)) demonstraram que Deus não havia esquecido sua antiga promessa de que aqueles que se alegraram com a queda de Israel seriam severamente julgados. Deus não abandonaria seu povo para sempre. Um dia, ele voltaria para ser seu pastor ([34.11](#)); ele transformaria a terra e traria as pessoas da morte para a vida. A glória de Deus voltaria mais uma vez para o Templo, que nunca mais seria contaminada. Além disso, Deus reuniria seu povo espalhado em sua presença e substituiria as antigas maneiras de fazer as coisas com novas leis e padrões mais elevados de santidade. Quando cheias do Espírito de Deus, as pessoas não contaminariam mais a terra com seus pecados.

Ezequiel aponta para uma esperança maior realizada em Jesus Cristo. Através de Cristo, a glória de Deus habita plenamente em nosso meio como luz nas trevas de nosso exílio ([11.16](#); [43.1-5](#); [João 1.14](#)). O Bom Pastor restaura a justiça para suas ovelhas ([Ez 34.1-24](#); [João 10.11](#)). Ele nos enche de seu Espírito e nos faz novas criaturas nele ([Ez 36.26-28](#); [37.1-14](#); [2Co 5.17](#)). Aqueles que se aliaram a Cristo têm acesso ainda maior à presença de Deus do que as visões de Ezequiel antecipavam. Eles são capazes de se achegar ao trono da graça livremente e beber da água vivificante que flui do trono ([Ez 47.1-11](#); [Ap 22.1-5](#)). Tudo o que Ezequiel antecipou — e mais — é nosso em Cristo.